

V. S. NAIPAUL

# A máscara da África

*Vislumbres das crenças africanas*

*Tradução*

Marcos Bagno



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by V. S. Naipaul  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The masque of Africa – Glimpses of African belief

*Capa*

Sabine Dowek

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Arlete Zebber

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nipaul, V. S.

A máscara da África : vislumbres das crenças africanas / V. S.  
Naipaul ; tradução Marcos Bagno. — São Paulo : Companhia das  
Letras, 2011.

Título original: The masque of Africa : glimpses of African  
belief.

ISBN 978-85-359-1889-2

1. África – Descrição e viagem 2. África – Religião I. Título.  
11-05238 CDD-200.960951

---

Índice para catálogo sistemático:

1. África : Crenças 200.960951

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

*Para o Esquadrão Classe-A*  
*N. S., G. C. G., L. F. de R., Ev. de R., T. T., P. E., D. P. J.,*  
*e para Andrew Wylie*

# Sumário

1. A Tumba de Kasubi.....	9
2. Lugares sagrados.....	77
3. Homens possuídos.....	139
4. O rei da floresta.....	176
5. Filhos da antiga floresta.....	193
6. Monumentos particulares, terras arrasadas particulares.....	245

# 1. A tumba de Kasubi

Passei de oito a nove meses na África oriental em 1966. Um mês na Tanzânia; cerca de seis semanas nos planaltos do Quênia; o resto do tempo em Uganda. Alguns anos mais tarde, até usei uma versão de Uganda num trabalho de ficção; só se pode fazer isso quando se sente que se tem uma ideia justa do lugar, ou uma ideia suficiente para suas necessidades. Quarenta e dois anos depois dessa primeira visita, retornei a Uganda. Esperava começar ali este livro sobre a natureza das crenças africanas e pensei que seria melhor me entregar à tarefa num país que eu conhecesse bem ou em parte. Mas descobri que o lugar se esquivava de mim.

Eu tinha ido a Uganda em 1966 para ser um escritor-visitante na Universidade Makerere, em Kampala, a capital. Morava no campus, num pequeno bangalô cinzento, espaçoso, aberto e bem cuidado, com ruas asfaltadas, meio-fio e vigias na entrada bloqueada. Minha bolsa (concedida por uma fundação americana) era suficiente para me proporcionar um motorista e um cozinheiro. Minhas obrigações não eram rigidamente definidas, e eu vivia mais ou menos isolado, absorvido em um livro que trouxera

comigo, trabalhando nele com afinco a cada dia e prestando menos atenção na África e nos estudantes de Makerere do que deveria. Quando eu desejava alguma distração do livro e do campus, dirigia os cerca de 25 quilômetros até Entebbe, onde ficava o aeroporto e onde, às margens do lago Vitória, que era magnífico, o maior lago da África, havia também (como em outras cidades coloniais britânicas) um jardim botânico, agradável para passear. Às vezes (como a recordar a natureza selvagem que nos rodeava, mas da qual estávamos protegidos), o solo do jardim ficava parcialmente inundado pela água do lago que se insinuava através dele.

O percurso de Kampala a Entebbe era um percurso em meio ao campo, o que o tornava repousante em 1966. Agora era diferente. Era possível ver do ar, à medida que o avião pousava, como a própria Entebbe tinha crescido, já não sendo mais o conjunto de aldeias espalhadas ou de assentamentos dispersos ao longe sobre o solo verde e úmido abaixo das pesadas nuvens cinzentas da estação chuvosa; e se concluía que o que antes era mato numa área desimportante de uma colônia pequena tinha se tornado um terreno valioso para construção. Os novos telhados de zinco brilhante davam a sensação de que, apesar do passado recente cruel, dos quarenta anos tão cruéis quanto tudo o mais na África — tirania assassina seguida de guerra e de pequenas guerras —, devia haver um frenesi de dinheiro lá embaixo agora.

O percurso até a capital não era mais um percurso em meio ao campo. Uma vez passados os antigos prédios administrativos e residenciais da Entebbe colonial, que ainda sobrevivem de algum modo (telhados de zinco vermelho e empenas pintadas de branco ainda em bom estado), a pessoa se encontrava num assentamento semiurbano improvisado, de aparência frágil, onde muitos dos prédios erguidos (mercearias, oficinas, apartamentos) pareciam à espera apenas de ser derrubados e, nesse meio-tempo, mostra-

vam-se brilhantes e repetitivos, com paredes pintadas com anúncios de telefones celulares.

Era assim por todo o caminho até a capital. Em nenhum trecho havia uma vista da cidade e dos morros verdes pelos quais Kampala costumava ser famosa. Todos aqueles morros estavam agora cobertos por construções; e muitos dos espaços entre os morros, os sopés, estavam aparentemente tomados pelo zinco velho das moradias pobres. Mas com todas aquelas moradias havia chegado dinheiro e carros e, para as pessoas que não tinham dinheiro, os *boda-bodas*, bicicletas e motocicletas que, por uma pequena quantia, ofereciam uma rápida corrida de garupa através do tráfego engarrafado, uma corrida de garupa que nos tempos coloniais deve ter sido ilegal. As ruas não davam conta do tráfego; mesmo nessa estação chuvosa, as ruas eram empoeiradas, descascadas para além do asfalto até a fértil terra vermelha de Uganda. Eu não conseguia reconhecer esta Kampala e, mesmo neste primeiro momento, parecia que eu estava num lugar onde tinha ocorrido uma calamidade.

Mais tarde, consegui os dados demográficos. Eles contavam a história. Em 1966, havia cerca de cinco milhões de pessoas em Uganda. Agora — apesar do governo de Idi Amin entre 1971 e 1979 (que, dizem, mandou matar 150 mil) e do governo comparável, entre 1981 e 1985, do feroz Milton Obote, que gostava que seu cabelo formasse uma colina alta a partir da risca, numa versão do estilo conhecido aqui como inglês, apesar desses dois e de todas as pequenas guerras subsequentes, que ainda prosseguem quarenta anos depois (diz-se que 1,5 milhão de pessoas foram deslocadas no norte); e apesar da epidemia de aids — havia entre 30 e 34 milhões de pessoas em Uganda. Como se a natureza, contrariando a lógica, desejasse se superar, compensar o sangue que Uganda perdeu e não quisesse que o pequeno país e seu grande sofrimento se evaporassem.

Havia uma mesquita ou igreja no topo de cada morro e grandes prédios eclesiásticos por toda parte. Todas as denominações cristãs estavam representadas. E nas áreas pobres superconstruídas havia estruturas cristãs “evangélicas” mais simples, às vezes com nomes fantasiosos e letreiros: como se a religião fosse um negócio que atendesse ao consumidor desesperado em todos os níveis. Havia mesquitas concorrentes de vários tipos: sunitas, xiitas e ismaelitas; a comunidade ismaelita, considerada herética por alguns, era poderosa na África oriental. Havia até mesmo uma mesquita e uma escola da seita ahmadi, que venerava um profeta do Islã nascido na Índia no século XIX e não era aceita por todos os muçulmanos. Para se juntar à mescla, o Irmão Líder Kadafi da Líbia era esperado em poucos dias, com suas roupas estilosas, seus óculos escuros e sua famosa escolta feminina (além de seus duzentos homens de segurança), para inaugurar uma grande mesquita líbia num proeminente local elevado da Kampala velha. Na área comercial da cidade havia dois novíssimos templos indianos de pedra perto dos locais de negócio dos indianos. Os indianos haviam sido convidados a voltar depois de terem sido expulsos por Idi Amin; e voltaram para receber uma recepção ambígua: um jornal local se perguntava se eles não tinham sido compensados em dobro e pedia aos leitores que comentassem. Assim, as bandeiras vermelhas tremulavam sobre os templos de pedra para indicar que eles estavam em uso.

Até os anos 1840, Uganda tinha ficado isolada, vivendo para si mesma. Então chegaram mercadores árabes vindos do leste. Queriam escravos e marfim; em troca, davam armas baratas e coisas que, de fato, eram brinquedos. O *kabaka*\* Sunna, conhecido por sua grande crueldade, acolhera bem os árabes. Gostava dos brinquedos deles. Gostava especialmente dos espelhos: nunca ti-

\* Kabaka: chefe tradicional do povo Baganda, de Uganda. (N. T.)



nha visto seu rosto antes e ficou obcecado por eles. Foi o filho e sucessor de Sunna, Mutesa, que em 1861-62 conheceu, entreteve e por alguns meses frustrou o explorador John Hanning Speke, que estava a poucos dias de descobrir a nascente do Nilo.

Mutesa tinha só 25 anos, era quase tão cruel quanto o pai, mas ao mesmo tempo era aberto ao que vinha de fora, um homem de intuição e inteligência. Gostou das armas que conseguiu de Speke; gostou da bússola e de outros instrumentos que viu Speke usar. Mas o povo de Mutesa, os *baganda*,\* com seu dom para a organização social, sua disciplina militar e seu sofisticado ritual de corte, elaborado durante alguns séculos, possuía sua própria civilização. Construíam estradas tão retas quanto as dos romanos; tinham a higiene em alta conta; dispunham de uma frota no lago Vitória, com seu almirante e suas próprias técnicas navais, e podiam lançar invasões ao reino busoga, do outro lado do Nilo. Fabricavam suas próprias lanças e facas de ferro; sabiam como fazer tecido de cortiça e eram habilidosos construtores de casas de palha — com telhados tão bem-acabados como se feitos por um alfaiate londrino, na opinião de Speke. Sabendo que seu povo podia fazer todas essas coisas, Mutesa, de modo muito admirável, chegou à conclusão de que a verdadeira diferença entre ele e Speke — um perfeito cristão vitoriano, sempre disposto a pregar para o gentio — era filosófica e religiosa. Mutesa se voltou contra o islã, que tinha adotado parcialmente; disse que os árabes eram mentirosos e, treze anos depois, quando encontrou o explorador H. M.

\* Para evitar confusão, é preciso esclarecer que o nome do povo, propriamente, é Ganda. No entanto, como ocorre com as línguas do grupo banto, ao nome do povo são acrescentados prefixos que especificam o significado das palavras. Assim, *muganda* é o indivíduo; *baganda* é o plural (e portanto o nome do povo); *luganda* é a língua e *buganda* é o país. (N. T.)

Stanley, pediu sua ajuda para conseguir que missionários ingleses viessem para Uganda.

O fruto dessa decisão de 130 anos atrás podia ser visto agora em Kampala. A religião estrangeira, a julgar pelos edifícios eclesiais que competiam entre si nos morros, era como uma doença impregnada e contagiosa, que não curava nada, não oferecia nenhuma resposta definitiva, mantinha a todos num estado de nervos, travando batalhas erradas e estreitando a mente. E dá para se perguntar se o próprio Mutesa, se pudesse retornar, não pensaria ter cometido um erro e que a África, se deixada por conta própria nessa matéria, não teria chegado a uma síntese própria e mais valiosa do velho e do novo.

Por que as religiões trazidas de fora tinham operado semelhante devastação na crença africana? Essas religiões estrangeiras possuíam uma teologia complexa. Não acredito que tenha sido fácil, partindo do zero, transmiti-las a alguém aqui. Perguntei ao príncipe Kassim. Ele era um descendente direto de Mutesa, mas do lado islâmico, uma divisão familiar que refletia a meia conversão inicial de Mutesa ao islã. O príncipe disse que eu estava enganado. Tanto o cristianismo quanto o islamismo teriam sido atraentes para os africanos por uma simples razão. Ambos ofereciam um além-vida, davam às pessoas uma visão de si mesmas vivendo depois da morte. A religião africana, por seu turno, era mais etérea, oferecendo apenas o mundo dos espíritos e os ancestrais.

## 2.

Achei que devia procurar meu antigo bangalô. Eu tinha plantado no jardim um tulipeiro (comprado no jardim botânico de Entebbe) e no fundo de minha mente, na época, estava a ideia de que, por uma ou outra razão, eu poderia voltar a Kampala algum

dia e seria bom então ver como a árvore tinha se saído. Mas o campus de Makerere estava irreconhecível. Parecia-me que ele havia se tornado parte da cidade empoeirada e apinhada. Aparecera uma carta no jornal local dizendo que as cercas da universidade tinham sido derrubadas e não substituídas, para confirmar o que eu sentia. Mas então ouvi de um conferencista que, apesar dos altos e baixos da história do lugar (um vice-reitor morto na época de Idi Amin e outras pessoas de idade presas e espancadas), alguns registros, incluindo a moradia do pessoal, estavam intactos. Lá se declarava que em 1966 eu morava na Vista Kasubi, 80.

O nome da rua ecoou na lembrança, mas eu não tinha certeza acerca do número; e quando fui levado ao bangalô, que estava deteriorado pelo abandono, senti que jamais tinha morado ali. Imaginei que a casa havia sido selecionada para mim porque uma grande árvore do jardim tinha sido posta abaixo um pouco antes e o toco permanecia lá. Fui levado a olhar para ele, mas eu não sabia com o que se pareceria um toco de tulipeiro, assim como ninguém do meu grupo. Mas o cenário estava errado. Minha lembrança do bangalô e de seu jardim era uma lembrança de ar livre. Aquele era escuro e fechado. O solo se inclinava para o lado e havia um monte de lixo onde o solo se inclinava.

O lixo era um problema em Makerere: parecia não ser coletado regularmente. Aqui e ali, nas trilhas ou nos passeios movimentados, os marabus, sem se incomodar com a passagem dos estudantes, beliscavam com seus longos bicos pacotes de lixo rasgados. (Speke chamava essas aves de ajudantes de ordens e, de fato, com suas grandes asas recolhidas e suas pernas longas, finas e amarelas, elas tinham uma aparência oficial, arqueadas, avaliadoras, com longos casacos.) Aquelas aves magníficas haviam se tornado aqui comedoras de detritos, e o lixo com que se alimentavam parecia descolorir e deformar suas faces, fazendo surgir nelas excrescências feias e pendentes. Agora eram obrigadas a viver com suas de-

formidades, pelas quais a natureza não tinha responsabilidade. Era triste de ver e triste, também, para os estudantes: eles viviam apinhados em salas e dormitórios bolorentos, de onde pendiam cordas bambas com roupas sujas; e, do lado de fora, viviam desamparados em meio ao lixo. Isso era contrário a seus instintos. Speke, 140 anos atrás, escreveu com admiração sobre o cuidado dos ugandenses com a higiene.

Aqui, tudo parecia trabalhar contra a universidade e a ideia de aprendizagem. E, novamente, os números contavam a história. Em 1966, havia cerca de quatro mil estudantes. Agora havia trinta mil. A pista principal que levava, nos velhos tempos, ao que eu recordava como uma entrada bloqueada era agora algo como uma rua comercial movimentada. A sufocada Kampala se estendia logo ali fora.

Ocorreram pelo menos dois assassinatos (cometidos por gente de fora contra gente de fora) no campus de Makerere enquanto estive em Kampala. No primeiro incidente, um jovem paquistanês vendedor de carros foi atraído ao campus por falsos clientes que disseram querer um *test drive*. Aquilo teria parecido seguro o bastante para qualquer um, mas tão logo o carro chegou ao campus o vendedor foi estrangulado por um homem sentado atrás e esfaqueado no pescoço até a morte. No segundo incidente, um guarda de segurança, nem mais nem menos, foi morto de manhã cedo enquanto tentava roubar um passageiro de *boda-boda*.

A Vista Kasubi, onde disseram que morei, em alguma época permitiu a visão do túmulo de Mutesa I, de 1884: um morro de onde se via outro morro do outro lado da cidade. A cidade agora tinha construções demais, que impediam a vista. Não creio que eu tenha visto o túmulo nem mesmo em 1966. Ocupado com meu livro, sem acompanhar a situação local com total interesse, achando que dispunha de todo o tempo do mundo para eventos locais e

passeios locais, jamais imaginando que na pacífica Kampala haveria caminhões do Exército nas ruas, fui adiando Kasubi até ficar tarde demais. Eu tinha conseguido uma carta de apresentação ao kabaka, *sir* Frederick Mutesa, aliás, Mutesa II. Mas só a tinha enviado em março. Recebi uma resposta polida — surpreendente nas circunstâncias —, porém já era tarde demais.

Obote, o primeiro-ministro, tinha despachado o Exército (sob o comando de Amin) contra o palácio do kabaka, praticamente indefeso. A maioria das pessoas achava que algo tão sacrílego — o uso da violência contra um homem que, mais do que um rei africano, era a encarnação da alma de seu povo — jamais aconteceria. De algum modo, o kabaka tinha conseguido escapar. Encontrou um tipo terrível de asilo para miseráveis na Inglaterra, doloroso para um kabaka, e morreu ali três anos depois, em 1969, aos 45 anos. Sua tragédia, e especialmente sua morte prematura, ainda é pranteada por algumas pessoas em Uganda. (Embora Sunna tivesse morrido aos quarenta e Mutesa I aos 48.)

Perto do final de minha temporada na África oriental em 1966, fui ver os túmulos de Kasubi, onde (na época) estavam enterrados dois kabakas. Não me lembro de ter ido visitar o palácio do kabaka; suponho que ainda fosse uma área proibida. E eu tinha apenas uma vaga lembrança das tumbas. Suponho que ainda havia uma presença do Exército desencorajadora. Fiquei somente por um tempo breve e (imagino) não me foi permitido ver por dentro. Mas o que vi naqueles momentos apressados permaneceu comigo, tornou-se cada vez mais mágico ao longo dos anos: uma estrutura redonda de palha, de belas proporções, com um telhado cônico elevado, mais alto do que qualquer coisa de palha que eu já tivesse visto, a palha finíssima, os beirais lindamente aparados: um país das maravilhas africano.

Agora, pelo menos, tive a oportunidade de ver mais.

Kasubi tinha se tornado um sítio tombado pela Unesco.